



Do banco convidativo da Praça da Bandeira se nota o reflexo das redes nas poças formadas pela maré cheia

From the welcoming bench of Praça da Bandeira, you can admire the reflection of the hammocks in the pools formed by the bay's swelling tide

UM BOM LUGAR PRA LER UM LIVRO

A GOOD PLACE TO READ A BOOK

Nosso repórter saiu flinando pelas ruas charmosas de **Paraty** com uma missão: encontrar os refúgios mais agradáveis onde ler um livro mesmo em dias movimentados como os da Flip

Our reporter went sauntering through the charming streets of Paraty with one mission: to find the most pleasant refuges to read a good book, even during the hectic days of Flip

por/by Heitor Ferraz
ilustrações/illustration Ivonésio Ramos Jr.



A calçada da Rua Comendador José Luiz forma uma espécie de assento sob a sombra das primaveras

The sidewalk of Rua Comendador José Luiz forms a makeshift seat in the shade of the bougainvilleas

Árvores frondosas da Praça da Matriz: banquinhos verdes para abrir o livro e deixar a vida passar

Leafy trees at Praça da Matriz: green benches for cracking a book and watching the world go by

Como teria de caminhar muito, resolvi levar uma mochila nas costas. Enfie ali caderno, caneta e lápis, para minhas anotações, uma garrafa de água e apenas um livro, um exemplar magrinho de *Noturno Indiano*, do escritor italiano Antonio Tabucchi. Tudo pronto, agora teria de explorar cada canto da pequena cidade.

Paraty se parece com um cenário de filme antigo. É que ela guarda, no seu traçado simples, nas fachadas de suas velhas casas, em suas ruas de pedra, o despojamento do estilo arquitetônico colonial brasileiro. Foi o cenário que encontrei ao começar meu passeio. No entanto, ele estava em reforma. Reforma de fachadas, com o martelo socando paredes, o pincel dando mais uma mão na pintura da lojinha ou do bar, ou uma mulher sentada num banquinho de madeira, no meio da rua, tirando a grama que teima em crescer entre as pedras do calçamento. A cidade estava como que se enfeitando para receber novos visitantes.

Desde os anos 70 que Paraty – tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1958 – tornou-se um polo turístico, um convite para a tranquilidade, para os passeios a pé ou de barco. Logo na entrada da cidade, antes de se cruzar a corrente que, como se diz por aqui, separa o lado moderno do lado histórico da vila, há um posto de turismo com um cartaz indicando os eventos que acontecem durante o ano. São festas religiosas como a do Divino Espírito Santo, de 3 a 12 de junho, ou a grande sensação dos

Since I would have to do a lot of walking, I decided to bring a backpack. I stuffed it with a notebook, a pen and pencil for my notes, a bottle of water and a book, a thin little copy of Indian Nocturne, by the Italian writer Antonio Tabucchi. With everything set, now all I had to do was explore every corner of that small city.

Paraty looks like the set of an old movie. And in its uncomplicated layout, the facades of old houses and stone streets, it holds the simplicity of the colonial Brazilian architecture. This was the scenario that I found during my first walk. Nonetheless, it was under renovation. The facades were being renovated, with hammers banging on walls, brushes putting one more coat of paint on a shop or a bar and a woman seated on a little wooden bench, in the middle of the street, picking out the grass that insists on growing in between the blocks in the pavement. It was as if the city were decorating itself for new visitors.

Ever since the 1970s, Paraty – protected as a National Heritage Site in 1958 – has become a spot for tourism, an invitation to tranquility, to leisurely strolls and boat trips. Soon after entering the city, before crossing the chains that, as they say here, separate the modern side from the historic side of the village, there's a tourism info center, with a large sign indicating the events that take place throughout the year. There are religious festivals like that of Divino Espírito Santo, from June 3rd to the 12th, or the big sensation of the past few years, Flip (Paraty International Literary Festival), which this year will bring to-

últimos anos, a Flip (Festa Literária Internacional de Paraty), que neste ano vai reunir 18 escritores nacionais e 13 estrangeiros, de 6 a 10 de julho. Além da Flip (flip.org.br), a cidade abriga um importante evento de fotografia, o Paraty em Foco (paratyemfoco.com), de 21 a 25 de setembro, e o Encontro Internacional de Aquarelistas (navegareart.com.br), de 17 a 21 de agosto.

Mas foi pensando principalmente na Flip – que este ano homenageia o poeta modernista Oswald de Andrade – que iniciei minha caminhada. Sabia que a tranquilidade que encontrei nesta véspera de Páscoa não seria a mesma durante aqueles cinco dias de julho, quando a cidade recebe vinte mil pessoas, lotando calçadas, os bares ao lado da **Praça da Matriz**, restaurantes, lojas de artesanato e todas as ruas de Paraty. Onde poderia ler um livro com alguma tranquilidade, longe da agitação da praça e da famosa Tenda dos Autores, que é montada do outro lado do Rio Perequê-Açu, com vista para o bairro histórico?

RUAS DE ANTANHO

Um dos lugares-comuns sobre Paraty é dizer que ela é acolhedora. Mas, como pedras polidas pela água de um rio, os lugares-comuns contêm alguma verdade. No caso de Paraty, a cidade antiga, com o seu traçado histórico, é, de fato, acolhedora. Como são poucas as ruas, as mesmas de antanho, logo a gente conhece a cidade de ponta a ponta, tornando-se familiar de cada fachada, de cada porta entreaberta, de cada igreja.

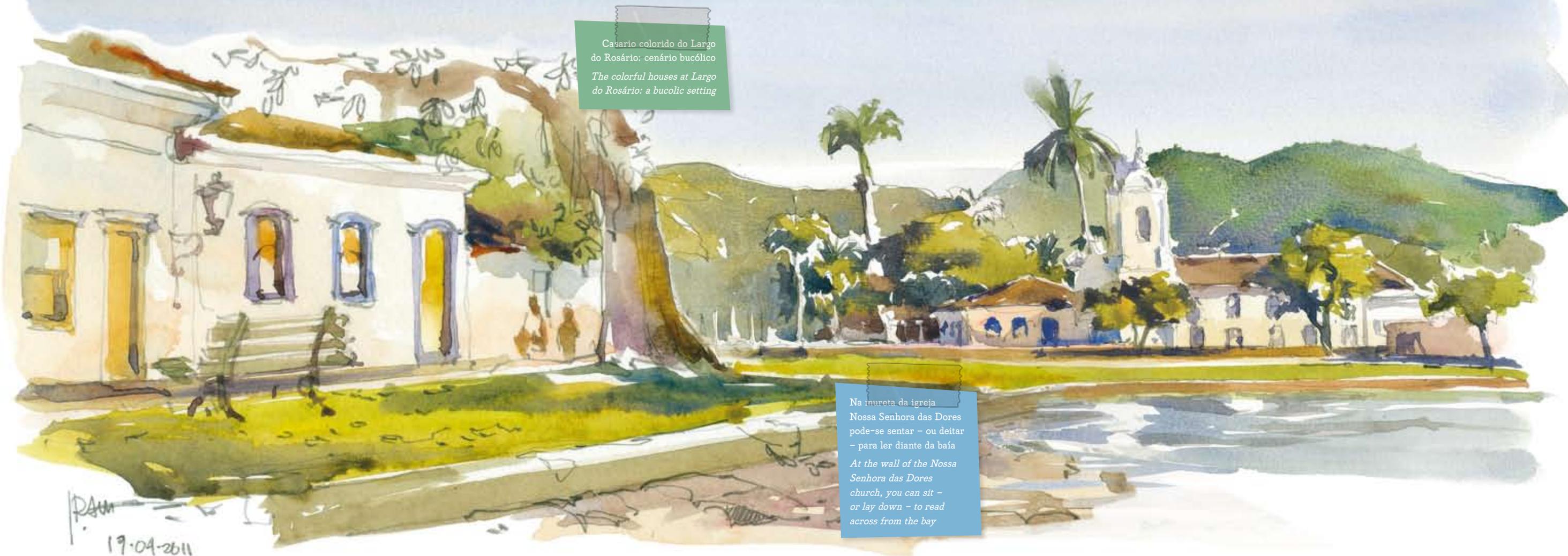
gether 18 Brazilian writers and 13 writers from abroad, from July 6th to the 10th. In addition to Flip (flip.org.br), the city hosts an important photography event, Paraty em Foco (paratyemfoco.com), between September 21st and 25th, and the International Watercolorists Meeting (navegareart.com.br), between August 17th and 21st.

But it was mainly with Flip in mind – which this year is honoring modernist author Oswald de Andrade – that I began my walk. I knew that the peace that I found on that Easter eve would not be the same during the five days in July when the city would welcome some 20 thousand people, filling up the sidewalks, the bars alongside Praça da Matriz, restaurants, handicraft stores and all the streets of Paraty. Where could one read a book with some semblance of tranquility, far from the bustle of the famous Tenda dos Autores, which is assembled on the other side of the Perequê-Açu River, with a view of the historic neighborhood?

STREETS OF YESTERYEAR

One of the commonplace sayings about Paraty is that it's welcoming. But, like stones polished by the water of a river, this commonplace saying has some truth to it. In the case of Paraty, the old city with its historic layout is indeed welcoming. Since the streets are few, and they date from days bygone, one soon gets to know the city block to block, becoming familiar with each facade, each ajar door, each church.

To get a better idea, the quadrilateral of the historic neighbor-



Casario colorido do Largo do Rosário: cenário bucólico

The colorful houses at Largo do Rosário: a bucolic setting

Na mureta da igreja Nossa Senhora das Dores pode-se sentar – ou deitar – para ler diante da baía

At the wall of the Nossa Senhora das Dores church, you can sit – or lay down – to read across from the bay

Para se ter uma ideia mais clara, o quadrilátero do bairro histórico é formado por seis ruas que correm de norte a sul, e sete que correm de leste a oeste. Este desenho foi estabelecido em 1726, como conta Marina de Mello e Souza, em seu livro *Paraty: a Cidade e as Festas* – obra que encontrei na livraria da Casa da Cultura de Paraty e que também foi recolhida na minha mochila de andarilho.

Paraty passou quase 100 anos isolada. Ela, que tinha sido um porto importante no século 18, durante o Ciclo do Ouro, com piratas vasculhando sua baía, depois se tornou um entreposto comercial, dando vazão à produção do Vale do Paraíba, participou do comércio de café no século 19, chegou mesmo a produzir muita pinga e acabou ficando esquecida com o começo da modernização do país. Os trens passavam muito longe. Os caminhos não eram dos mais fáceis. Só com a construção da Rodovia Rio-Santos, em 1975, a cidade descobriu definitivamente o turismo.

TRÊS CAPELAS

Depois de ter almoçado (o que não falta em Paraty são bons restaurantes), saí caminhando até o **Largo do Rosário**, que eu já conhecia de outras passagens pela cidade. Ele fica atrás da capela da Nossa Senhora do Rosário, construída em 1725. Em forma triangular, a praça tem alguns bancos de madeira pintados de verde. Um canto sossegado para ficar lendo, apenas observando as velhas casas ou, dependendo da curiosidade, ouvindo as conversas alheias que passam pela rua.

hood is formed by six streets which run from north to south, and seven which stretch from east to west. This design was established in 1726, as Marina de Mello e Souza tells in her book Paraty: a Cidade e as Festas – a work that can be found in the bookstore inside Casa da Cultura de Paraty and which also made its way in the backpack of this wanderer.

Paraty spent nearly 100 years in isolation. The city, which had been an important port in the 18th century, during the Gold Cycle, while pirates trolled the bay, afterwards became a commercial way station to outflow the production of the Paraíba Valley, participated in the coffee trade of the 19th century, came to produce plenty of cachaça and ended up all but forgotten with the beginning of the country's modernization. The train routes were mounted far from the city. The roads there were not easily tread. Only with the construction of the Rio-Santos Interstate in 1975 was the city definitively discovered by tourists.

THREE CHAPELS

After lunch (there's no lack of good restaurants in Paraty), I headed on foot to Largo do Rosário, which I had already visited on other trips to town. It's located behind the chapel of Nossa Senhora do Rosário, constructed in 1725. With a triangular shape, the city square has some wooden benches painted green. A relaxing little corner for reading or just admiring the old houses or, depending on your curiosity, listening to the conversations passing by on the streets.

Os lugares mais tranquilos parece que ficam mesmo nas imediações das igrejas. Da mesma época da Nossa Senhora do Rosário é a de Santa Rita, que já serviu de matriz, enquanto a principal estava em obras. Ela virou o cartão-postal de Paraty, com sua vista escancarada para o mar. No largo da igreja, além de árvores e sombras, há também um banco de pedra: um convite inesperado para a contemplação tanto do conjunto arquitetônico, com a igreja, a biblioteca municipal e o fórum, quanto da vista do mar, com suas baleeiras coloridas para passeios, com nomes curiosos como Água de Fogo ou My Love.

Caminhando a esmo, a partir da igreja, chega-se à Praça da Bandeira, com a sua velha peixaria. Mais bancos convidativos. Mais sombras acolhedoras. Dependendo da época do ano, a Rua da Praia fica coberta de água durante a subida da maré. Há nesta rua uma loja de redes coloridas. Elas ficam penduradas nas portas. E esse desenho ondulante reflete-se inteiro na água. Aqui, sente-se a observação de Lucio Costa (autor do projeto do Plano Piloto de Brasília) – que escreveu um texto sobre a cidade em 1960 – ao dizer que Paraty “é a cidade onde os caminhos do mar e os caminhos da terra se encontram, se entrosam”.

O mesmo acontece no adro da pequena e simples capela de Nossa Senhora das Dores, construída em 1800. Ele é cercado por uma mureta de pedra, com ampla visão da **Baía de Paraty**, e ornado com duas palmeiras, uma em cada canto. Foi um dos lugares onde parei e me deitei um pouco, olhando para o voo de asa-delta dos urubus e ouvindo o marulhar das águas logo ao lado.

The most peaceful places seem to be in the surrounding areas of the churches. From the same era as Nossa Senhora do Rosário is Santa Rita, which was once the city parish, while the main church was being rebuilt. It became a Paraty landmark, with its wide open view of the ocean. At the church square, in addition to trees and shade, there is also a stone bench: an unexpected invitation to contemplation of the architectural composition – the church, the municipal library and the courthouse – as well as the view of the ocean, with fishing vessels painted colorfully for tourists with curious names, like Água de Fogo and My Love.

Wandering away from the church, you'll reach Praça da Bandeira, with its old fish market. More inviting benches. More welcoming shade. Depending on the time of year, Rua da Praia may be covered in water during high tide. On this street, there's a shop selling colorful hammocks. You'll see them hanging from the doors. And their wavy outline wholly reflected in the water. Here, one understands the observation made by Lucio Costa (author of the Pilot Plan for Brasília) – who wrote a text about the city in 1960 – when he said that Paraty “is the city where ocean routes and land routes meet, intertwine.”

The same thing happens at the courtyard of the small chapel Nossa Senhora das Dores, constructed in 1800. It's surrounded by a stone mural, with an ample view of Paraty Bay, and is adorned by two palm trees, one at each end. It was one of the places where I stopped and stretched out, watching vultures hovering above and listening to the roar of the waters nearby.

EXPERIENCES

Roteiro inusitado



Canhões do forte de 1703: refúgio tranquilo de onde Paraty inteira pode ser capturada pelo olhar

Cannons at the fort dating from 1703: a peaceful hideaway from where all of Paraty can be viewed

Já pelo miolo do quadrilátero, com suas tantas lojas e restaurantes, a vida se torna mais intensa, com pessoas caminhando e fotografando cada detalhe. Uma dica de refúgio dessa movimentação pode ser um pacato quarteirão da Rua Comendador José Luiz, entre as ruas Dona Geralda e da Matriz. A calçada do lado esquerdo de quem segue da Dona Geralda forma uma espécie de grande banco de pedra, com primaveras saindo por cima dos muros de uma casa. Boa hora para tirar da mochila o *Noturno Indiano*.

ALÉM DA PONTE

Certa noite, aproveitei para conhecer o Teatro Espaço, do Grupo Contadores de Estórias, que este ano comemora 40 anos de sucesso internacional com seu teatro de bonecos. Na entrada, a moça da bilheteria me contou que, para ela, o lugar mais tranquilo fica do outro lado da Ponte Velha, que cruza o Rio Perequê-Açu: é o **Morro do Forte**. Com um mapa, me indicou o caminho, que passa ao lado do cemitério, entra à direita, e logo dá em um portão verde. Ali começa a estrada de terra até o forte (de 1703) e a antiga Casa da Pólvora (de 1793).

Ela tinha razão. No caminho do Morro, no meio daquela mata fechada, com árvores e bambus que atravessam a estrada, dá para ter uma boa visão panorâmica da cidade. Principalmente da corpulenta matriz, a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios. Paraty inteira parece estar ali esperando para ser capturada pelo olhar. Os canhões velhos, dormindo nas muretas de pedra, já não podem fazer nada contra esse

While, in the core of the quadrilateral, with its many stores and restaurants, life gets more intense, with people walking and taking pictures of every detail. One tip for a break from the crowds is on a peaceful block of Rua Comendador José Luiz, between Rua Dona Geralda and Rua da Matriz. The sidewalk on the left side of people coming from Rua Dona Geralda forms a sort of large stone bench, with bougainvilleas creeping out from behind the walls in front of a house. A good time to take Indian Nocturne out of my backpack.

BEYOND THE BRIDGE

One night, I took the time to visit Teatro Espaço, of Grupo Contadores de Estórias, which this year celebrates 40 years of international success with its puppet theater. At the entrance, the lady at the ticket booth told me that, for her, the most peaceful place is on the other side of Ponte Velha, which crosses the Perequê-Açu River: Morro do Forte. With a map, she showed me the way, passing by a cemetery, veering rights and soon coming to a green gate. It's there that begins the dirt road that leads to the fort (from 1703) and the old Casa da Pólvora (from 1793).

She was right. On the Morro path, amidst that thick forest, with trees and bamboo laying in the way, you can enjoy a good view of the city. Mainly from the stout church, Igreja de Nossa Senhora dos Remédios. Paraty as a whole seems to be just waiting to be captured by the eyes. The old cannons, asleep atop the stone murals, can no longer do anything to combat this privateer who comes seeking relaxation for his body

EXPERIENCES

Roteiro inusitado

Um bom lugar pra pintar aquarelas

ALSO A GOOD PLACE TO
PAINT WATERCOLORS

De 17 a 21 de agosto, dezenas de artistas, sejam profissionais ou amadores, instalam seus cavaletes nas ruas de Paraty para pincelar cenas da cidade durante o Encontro Internacional de Aquarelistas de Paraty (navegareart.com.br). Entre eles o arquiteto carioca Ivonésio Ramos Jr. (ivonesio.blogspot.com), que esteve lá em abril para ilustrar as imagens desta reportagem.

From August 17th to the 21st, dozens of artists, whether they be professional or amateur, set up their easels in the streets of Paraty to paint scenes of the city during the International Watercolorists Meeting in Paraty (navegareart.com.br). Included among them is Rio native architect Ivonésio Ramos Jr. (ivonesio.blogspot.com), who traveled there in April to illustrate the images for this article.

Refúgios tranquilos de Paraty

QUIET REFUGES IN PARATY



novo corsário que não procura ouro, mas apenas acomodar o corpo e os olhos. Dali, há um caminho que leva até o mar, com o deslizar das velhas baleeiras levando turistas para as ilhas da vizinhança.

Pelo que se conta, foi aqui mesmo que surgiu o primeiro povoamento da região, com uma capela erguida para São Roque. Isso, nos idos de 1600, para usar a linguagem do monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araújo, que esteve em Paraty em 1794 e em 1799, pesquisando e conversando com os velhos habitantes. Quando de sua visita, não havia mais nada da Vila Velha, como chamavam o lugar, só alguns sinais das antigas construções. E os homens já se encontravam no estratégico lugar à beira-rio e à beira-mar, desde 1667.

E foi aqui, no silêncio do Forte, que pude terminar o *Noturno Indiano*, a narrativa de Antonio Tabucchi (aliás, um dos convidados da Flip). Depois, desci, como fizeram os homens do passado, mas atrás de uma pinguinha local, lembrando-me do poema “Relicário”, de Oswald de Andrade: “No baile da Corte / Foi o Conde d’Eu quem disse / Pra Dona Benvinda / Que farinha de Suruí / Pinga de Parati / Fumo de Baependi / É comê bebê pitá e cai”.

and feasts for his eyes rather than gold. From there, there’s a path to the sea, where old coasting boats carry tourists to neighboring islands.

They say that it was here that the first settlement in the region emerged, with the chapel erected for Saint Roch. This, in the 1600s, to use the language of monsignor José de Souza Azevedo Pizarro e Araújo, who was in Paraty in 1794 and 1799, studying and conversing with the old inhabitants. At the time of his visit, there was nothing left of Vila Velha, as the place was known, just a few signs of the old structures. And the men could be found at the strategic locale at the edge of the sea and the banks of the river since 1667.

And it was here, in the silence of the fort, that I was able to finish Indian Nocturne, the narrative written by Antonio Tabucchi (incidentally a guest of Flip). After, I made my way down, as the men in the past did, but now in search of local cachaça, recalling the (here freely translated) poem “Relicário” by Oswald de Andrade: “At the court dance / It was the Count D’Eu who said / To Dona Benvinda / That flour from Suruí / Cane liquor from Parati / Tobacco from Baependi / Are to eat drink smoke and fall.”

+ 55 24

INFO: Casa da Cultura de Paraty – Rua Dona Geralda 117, tel. 3371-2325, casadaculturaparaty.org.br; Teatro Espaço – Rua Dona Geralda 327, tel. 3371-1575, ecparaty.org.br; Centro de Informações Turísticas de Paraty – Avenida Roberto Silveira s/nº, tel. 3371-6553, pmparaty.rj.gov.br; paratycultura.org.br

AGRADECIMENTO ESPECIAL/SPECIAL THANKS: Pousada Porto Imperial, Rua Tenente Franciso s/nº, tel. 3371-2323, pousadaportoiimperial.com.br